

Professora no MIT e uma das vozes mais influentes da filosofia feminista, Sally Haslanger estuda o modo como o gênero, a raça e a ideologia organizam a vida social. Em Braga, falou ao Ípsilon sobre as guerras em torno da palavra *woke*, a liberdade académica e uma esperança que não depende do optimismo.

**Isabel Lucas** (Entrevista)  
**Nelson Garrido** (Fotografia)

# As pessoas não estão condenadas a odiar o outro

Sally  
Haslanger

”



**"S**ocorro-me muito da raiva", diz Sally Haslanger quando se fala da palavra *woke*, retirada às comunidades que a usavam e convertida pelo discurso político conservador numa arma contra o feminismo, o anti-racismo e as políticas de inclusão.

Braga está sob um calor intenso. Numa sala da Universidade do Minho, a filósofa demora-se nas respostas, procura exemplos, esclarece uma palavra antes de avançar. A voz mantém-se firme e pausada. A raiva surge no que diz sobre as desigualdades que permanecem ocultas sob a aparência de uma ordem natural.

Grande parte do seu trabalho quer desmontar essa aparência. Nascida nos Estados Unidos em 1955, Haslanger estudou no Reed College e doutorou-se em Filosofia na Universidade da Califórnia, em Berkeley. É professora de Filosofia e de Estudos de Género no Massachusetts Institute of Technology, o MIT. O activismo feminista precedeu a sua investigação nessa área. A adopção de duas crianças afro-americanas tornou depois urgente o estudo da raça e do racismo.

Em *Resisting Reality: Social Construction and Social Critique*, publicado em 2012 e distinguido com o Joseph B. Gittler Award, da American Philosophical Association, reuniu 20 anos de trabalho entre a metafísica, a epistemologia, a teoria feminista e a filosofia política. Com Haslanger, a antiga pergunta sobre o que existe passa a incidir nas categorias que ordenam a vida social. Quem favorecem? Que relações preservam quando entram nas instituições e orientam comportamentos? A sua proposta de uma análise transformadora dos conceitos, conhecida como análise "ameliorativa", recusa tratá-los como formas neutras de descrever o mundo. Interessa-lhe saber o que fazem dentro dele.

É nessa relação entre os conceitos e a ordem social que surge o seu trabalho sobre ideologia. Haslanger procura compreender como uma hierarquia entra nos hábitos, nos gestos e nos significados partilhados, até deixar de ser reconhecida enquanto tal. No seu entender, uma estrutura pode produzir injustiça mesmo quando ninguém declara querer esse resultado. A desigualdade reproduz-se em escolhas que parecem individuais, mas são feitas dentro de um campo já limitado pelo género, pela raça ou pela classe. Haslanger recorre a um termo da economia, "arquitectura da escolha", aquilo que cada pessoa aprende a considerar possível para si.

Sally Haslanger esteve em Braga para participar nos Braga Meetings on Ethics and Political Philosophy, no *campus* de Gualtar, um encontro que reuniu cerca de 200 investigadores de 30 países. A conversa com o Ípsilon passou pela construção social da raça e do género, o trabalho invisível das mulheres, a reacção contra as políticas de diversidade, a liberdade académica e a esperança num tempo que a filósofa observa com pessimismo.

### **Quando diz que a raça e o género são construções sociais, o que gostaria que ficasse claro?**

Separo raça e género das características físicas das pessoas. Há pessoas com pele escura, cabelo muito encaracolado ou pregas nas pálpebras e há também características sexuais primárias e secundárias. Não estou a dizer que tudo isso é construído. São factos biológicos. A construção acontece quando essas características adquirem um significado social, quando as pessoas que as possuem são colocadas em determinados papéis e ficam sujeitas a certas expectativas.

Pensemos na relação entre senhorio e inquilino. Não são categorias naturais, mas categorias que surgem de um sistema de propriedade privada: eu sou proprietária, deixo-a viver numa casa e a Isabel paga-me uma renda.

A raça e o género são categorias sociais desse tipo, com a diferença de que atribuem uma posição a alguém a partir de certas características físicas. Isso é sobretudo evidente no género. Se tem determinadas características, é suposto que se cuide das crianças, dos idosos e dos doentes. Em certos regimes racistas, a lógica é semelhante. Se tem determinadas características, fará o trabalho manual, não obterá um grau académico nem irá trabalhar num escritório. As características físicas tornam-se assim a base de uma distribuição hierárquica das pessoas na sociedade.

### **O que responde a quem entende "construção social" como sinónimo de irre realidade?**

Estas categorias têm efeitos muito concretos. As diferenças nas condições económicas, no bem-estar e nos papéis sociais não existem apenas na imaginação.

Sou mulher e tenho sido a principal cuidadora na minha família: das crianças, dos idosos e das pessoas com deficiência. Contesto a presunção de que devo ser eu a fazer tudo isso, mas sou eu quem o faz e não sou remunerada. Quero chamar a atenção para a enorme quantidade de trabalho não remunerado realizado por mulheres e que permanece, em grande parte, invisível.

### **O que sustenta essa divisão do trabalho?**

É que as mulheres foram educadas para isso e antes viram as mães a fazer o mesmo. Há normas sociais que fazem recair sobre elas essa responsabilidade. Se uma mulher não cuidar, parece haver alguma coisa errada com ela. A minha filha teve há pouco tempo um bebé e senti-me muito honrada por lhe transmitir parte do conhecimento que adquiri enquanto mãe. Os tempos mudam e a divisão do trabalho nas famílias é hoje diferente da que conheci com a minha mãe, mas persiste uma tradição de mulheres que ajudam outras mulheres durante o parto e nos primeiros cuidados da infância. É uma tradição com muito significado para nós. Mas continua a ser trabalho, muito trabalho.

### **Onde se torna mais visível essa dimensão estrutural da injustiça?**

Estudei a educação e penso que, em muitos contextos, as oportunidades parecem abertas a todos, quando de facto não o estão. As pessoas são encaminhadas para certas disciplinas, profissões e competências, muitas vezes com base na raça e no género. Ainda que hoje isso aconteça menos, as mulheres escolhem muitas vezes carreiras com horários mais flexíveis porque antecipam que terão de ficar em casa com os filhos. Se uma criança adoecer na escola, telefonam à mãe e pedem-lhe que a vá buscar. Ela pode lembrar que há outra pessoa envolvida na parentalidade, mas a resposta implícita é: "A mãe é você."

Essas expectativas afectam as escolhas. Uso um termo da economia, "arquitectura da escolha", para designar o conjunto de opções que nos parecem plausíveis. Muitas mulheres escolhem a carreira e o horário contando que serão elas a assumir a maior parte dos cuidados.

O mesmo acontece com a raça. Nos EUA, as diferenças raciais têm, ao longo da história, uma forte correlação com a pobreza. Isso deve-se ao longo legado da escravatura e aos obstáculos que impediram os afro-americanos de comprar casas, conseguir empréstimos e acumular riqueza. Muitas pessoas encontram-se numa situação precária e precisam de dois ou três empregos para se sustentarem. Torna-se então difícil estarem em casa com os filhos e são apresentadas como maus pais. Na verdade, trabalham para dar alimento e abrigo às crianças. Uma história racial e certas expectativas de género limitam as suas escolhas, mas as consequências são depois apresentadas como naturais. É assim que se chega à ideia de que os negros não são bons pais ou de que os homens não sabem

**"Se consideram que preocuparmo-nos com a raça e o género é ser woke, então chamem-me woke"**

**Sally Haslanger é professora de Filosofia e de Estudos de Género no MIT. Esteve recentemente nos Braga Meetings on Ethics and Political Philosophy**

cuidar. Os dados sugerem o contrário. Quando uma mãe morre e o pai assume a responsabilidade principal por uma criança, desenvolve muitas vezes as competências associadas às mulheres. Ou seja, antecipa as necessidades, responde-lhes e está presente. Os homens são capazes de cuidar, mas essa possibilidade nem sempre entra no conjunto de opções que imaginam para si próprios.

**Em *Gender and Race: (What) Are They? (What) Do We Want Them to Be?* propôs uma definição de mulher. Como a formularia hoje?** Queria chegar a uma compreensão que permitisse estudar as mulheres em diferentes culturas e períodos históricos. Para definir o objecto do feminismo, procurei as pessoas que são identificadas como tendo uma determinada função reprodutiva e, por causa disso, colocadas em papéis subordinados. Ao longo da história, houve homens que passaram por

mulheres em diferentes contextos. Eu não posso conceber nem dar à luz uma criança, mas, pela minha aparência, as pessoas presumem que tenho essa capacidade e atribuem-me determinados papéis sociais. As mulheres são aquelas que a sociedade identifica, em público, como adequadas a papéis que, na prática, as subordinam. Considero que cuidar é muito importante e deveria ser muito mais valorizado. Nas sociedades que conhecemos, porém, esse papel tende a colocar quem o desempenha numa posição pior.

Escrevi esse artigo em meados dos anos 1990. Hoje, muitas pessoas querem definir o género através da identidade de género. A minha explicação abrange algumas mulheres trans, quando são tratadas de certa forma devido a pressupostos acerca da sua função reprodutiva, mas não abrange aquelas que não são reconhecidas como mulheres pela sociedade. Essas pessoas também são subordinadas e maltratadas, mas podem sê-lo enquanto pessoas não binárias ou enquanto homens que tentam ser mulheres. O patriarcado define a mulher através da injunção: "Parece uma mulher, deve comportar-se como uma mulher." Procuo oferecer uma base social para compreender o género, deixando espaço para novas definições de mulher assentes na identidade ou noutras funções sociais.

### **Como se tornaram o género e a raça o centro do seu trabalho?**

Quando comecei a pós-graduação, não trabalhava em filosofia social e política, mas já era activista. Estou envolvida no feminismo desde que me lembro. No início dos anos 1990, convidaram-me a escrever para uma colectânea de ensaios sobre filosofia feminista. Respondi que não fazia filosofia feminista. A organizadora disse: "Nenhuma de nós faz, porque não é bem uma área que se possa estudar. Escreva qualquer coisa." Interessei-me então por Catharine MacKinnon e escrevi sobre o seu trabalho. Foi transformador perceber que podia fazer filosofia sobre temas feministas.

A raça já me interessava, mas tornou-se urgente quando o meu marido e eu adoptámos duas crianças afro-americanas. Os nossos filhos mantiveram contacto com as famílias biológicas depois da adopção e percebi que tinha de saber mais sobre raça e racismo para os criar. Via essas questões na vida deles e precisava de as compreender. As famílias biológicas ajudaram-nos a reconhecer os desafios. Para uma mulher branca com relativo privilégio, foi uma oportunidade poderosa de conhecer as realidades da raça. ►

► **O que encontrou no trabalho de Catharine MacKinnon?**

Quando era mais nova, fui vítima de uma violação bastante violenta e senti uma raiva avassaladora. Percebi de imediato que aquela violência não dizia respeito apenas a mim. Era uma forma de exercer poder sobre as mulheres. A violação acontece a muitas mulheres e reagir-lhe é difícil e traumático. Envolvi-me então no trabalho de MacKinnon sobre assédio sexual e pornografia violenta e fui activista nessa área. Quando me pediram que escrevesse, conhecia bem aquelas questões devido ao trabalho que já fazia na comunidade. A filosofia permitiu-me compreendê-las com outra profundidade.

**Hoje, essa atenção ao género e à raça é depressa arrumada sob a palavra *woke*. Como se escapa a um rótulo tão simplificador?**

Na academia, os colegas percebem que é propaganda destinada a deslegitimar tanto a investigação como qualquer espécie de atenção dada à raça, ao género e à classe. Querem que esses assuntos desapareçam. A teoria crítica da raça e a teoria feminista são apresentadas como posições desviadas e ridículas, ignorando que somos académicos e pensamos nestas questões com método e rigor. Se consideraram que preocuparmo-nos com a raça e o género é ser *woke*, então chamem-me *woke*. Mas aconteceu aquilo a que se pode chamar uma captura do termo pelas elites. Nos movimentos sociais, *woke* era uma expressão de uso corrente. As elites políticas e os influenciadores das redes sociais retiraram-na à comunidade que a usava e transformaram-na numa arma. A expressão deixou de poder ser assumida por quem a usava.

**Ofende-se quando lhe chamam *woke*?**

Sinto mais ressentimento do que ofensa. Quem usa a palavra dessa maneira não tem o direito de o fazer, o termo não lhe pertence. A consciência destas questões não é uma brincadeira. Vivemos em circunstâncias nas quais as pessoas identificam mal o inimigo e as causas das suas privações económicas. Não compreendem as políticas de acção afirmativa, destinadas a corrigir desigualdades históricas, e dizem que o problema é “toda esta coisa *woke*”. O problema não é o *woke*, é o neoliberalismo, as políticas económicas e as agendas políticas. Querem convencer as pessoas de que os *woke* estão a minar a democracia. Não estão. Quem a mina são os que tentam reduzir os direitos de voto e impor políticas económicas prejudiciais. Falo como americana. **Reconhece na Europa mecanismos semelhantes?**

São cortinas de fumo que levam as pessoas a culpar os grupos errados. É frustrante. Socorro-me da raiva para responder a isso.

**Como se tornaram a diversidade, a equidade e a inclusão alvos políticos?**

Houve recessões e escassez e as pessoas sentem-se vulneráveis no plano económico e precisam de encontrar alguém a quem atribuir a culpa. Em vez de culparem as políticas neoliberais, a redução dos impostos sobre os mais ricos e a acumulação de fortunas gigantescas, culpam os imigrantes ou os pobres. Imaginam uma fila em que todos esperam pela oportunidade de enriquecer e vêem os programas de inclusão como uma forma de deixar passar à frente pessoas sem mérito: imigrantes, afro-americanos ou pessoas *queer*. Não percebem que não existe uma meritocracia. Quem acumulou milhões beneficia de reduções fiscais e de empresas que pagam pouco aos trabalhadores. É difícil culpar um sistema. Muitos pensam que o capitalismo é maravilhoso e meritocrático e que o sistema económico não pode, por isso, ser o problema. Culpam aqueles que chegaram às suas comunidades com outros modos de vida, outras formas de vestir e de falar. Em vez de encararem a diversidade como um enriquecimento da cultura, sentem-na como uma ameaça.

**O género e a raça estão hoje no centro das pressões exercidas sobre as universidades. Entre a intervenção dos governos, os interesses dos financiadores e a disputa política, que espaço resta para a liberdade intelectual?**

Sou presidente da secção do MIT da American Association of University Professors, que luta pela liberdade académica e pela participação dos professores na governação [das instituições de ensino]. Há pessoas a serem despedidas por causa do trabalho que desenvolvem, pelas conferências que fazem ou pelo seu activismo. Precisamos de um lugar onde as ideias possam ser exploradas com abertura e liberdade, sem controlo do Governo ou das empresas. Governo e empresas têm poder porque grande parte do financiamento das ciências e engenharias tem origem pública ou empresarial. Preocupa-me que o financiamento condicione demasiado os conteúdos e torne difícil sustentar certas posições. Nos EUA, insiste-se agora na “diversidade ideológica”, sob o argumento de que a esquerda controlou as universidades durante demasiado tempo. Segundo essa lógica, seria preciso contratar conservadores, racistas e sexistas. Os académicos são avaliados pelos seus pares,

segundo os métodos e os padrões das suas disciplinas. Muitas pessoas escolhidas em nome da diversidade ideológica não satisfazem esses padrões. **Quando fala de professores despedidos e de financiamento condicionado, que casos tem em mente?**

No MIT, um estudante foi expulso por escrever num zine que nem sequer pertencia à instituição um artigo onde discutia em que circunstâncias os movimentos poderiam justificar o uso da violência em vez de métodos não violentos. Um professor assistente de uma universidade do Texas, o único professor negro da instituição, fez uma conferência sobre a Palestina sem mencionar a sua ligação à universidade. Foi despedido. Um tribunal determinou que deveria permanecer no cargo até haver uma sentença. É uma forma de censura que actua através do emprego e do dinheiro. O financiamento da investigação pode ser usado da mesma maneira. A National Science Foundation chegou a usar uma lista de palavras cuja presença podia levar uma candidatura a ser sinalizada e revista. Incluía “mulher” e “feminino”, mas não “homem” e “masculino”. Uma investigação sobre o cancro dos ovários poderia assim ser penalizada. Quando o Governo condiciona os subsídios a determinados padrões de conteúdo, ou os retira devido ao uso de certas palavras, a liberdade académica fica sob ameaça directa.

**As lutas contra o racismo ou o sexismo começam muitas vezes entre quem sofre essas formas de discriminação. Como podem incluir quem não partilha a mesma experiência?**

A resistência nasce em geral entre pessoas com uma identidade subordinada – mulheres, imigrantes, pessoas latino-americanas ou asiático-americanas, pessoas com deficiência ou *queer* –, porque possuem um conhecimento situado das lutas que enfrentam, ou seja, um conhecimento produzido a partir da posição concreta que alguém ocupa na sociedade e da experiência que essa posição lhe dá. Mas, quando passamos à mobilização, precisamos de ser mais inclusivos. Os homens podem ser feministas. Eu sou branca e profundamente anti-racista. Se nos mobilizarmos em torno do feminismo e do anti-racismo, incluímos todos. A luta não cabe apenas às pessoas negras e racializadas. Todos têm razões para resistir às estruturas que tornam determinados grupos menos livres e iguais. Estou disposta a defender o anti-racismo, em vez de deixar essa tarefa apenas aos meus camaradas negros. Acredito nele e posso usar o privilégio que tenho enquanto pessoa branca para

**“Nunca teríamos sobrevivido enquanto espécie se fôssemos sobretudo egoístas”**

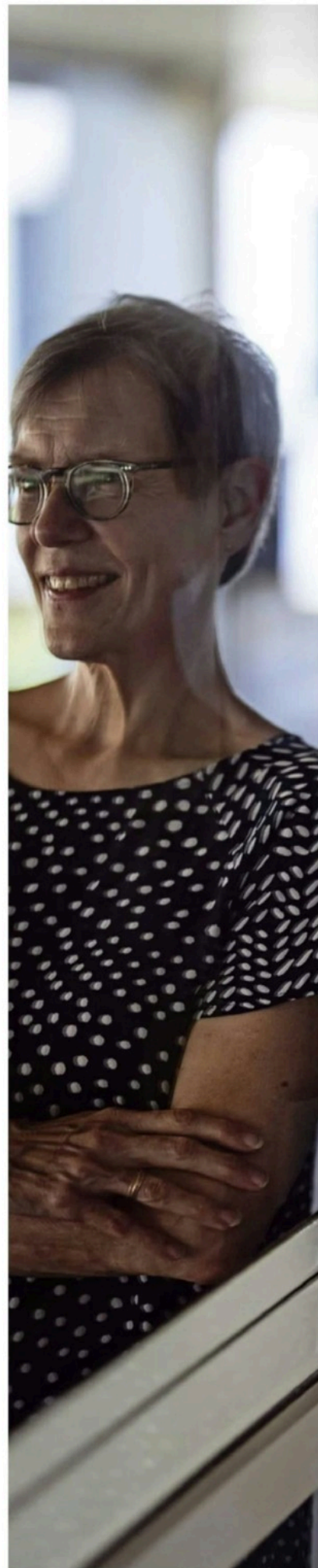
**Sally Haslanger procura desmontar desigualdades que permanecem ocultas sob a aparência de uma ordem natural**

lutar ao lado daqueles que estão em pior situação.

**O carácter construído das categorias sociais mostra que elas não são inevitáveis. Como pode a filosofia ajudar-nos a imaginar outras formas de viver em comum?**

Rebecca Solnit, uma das minhas autoras preferidas, diz que a resistência começa sempre na imaginação, na crença de que outra coisa é possível. A análise e a crítica ajudam-nos a compreender esta realidade. A imaginação mostra que não é a única que podemos produzir e que aquilo que existe não tem de ser assim. Fazemos a crítica para alimentar as possibilidades que a imaginação oferece. **As perguntas sobre a verdade, a justiça ou a realidade apresentam-se muitas vezes como universais. No seu trabalho, incluem também a questão de saber quem beneficia das respostas. A filosofia sempre teve esta dimensão política ou começou apenas agora a reconhecê-la?**

A filosofia analítica, a tradição em que fui formada, esforçou-se muito por ser apolítica. Os filósofos do Círculo de Viena viram o fascismo e perceberam que havia certos tipos de filosofia que o alimentavam. Hei-





degger, por exemplo, simpatizava com o fascismo. Procuraram ser rigorosos para evitar os excessos de certas formas de filosofar. Nesse sentido, o projecto deles era político. Quando chegaram aos EUA, encontraram o macarthismo e a censura. A dimensão política foi escondida e a filosofia analítica transformou-se num esforço de produzir pensamento objectivo e apolítico. A pretensão de produzir um pensamento apolítico já contém uma posição política acerca daquilo que conta como real. Durante anos, diziam-me que “filosofia feminista” era uma contradição, porque o feminismo seria partidário e a filosofia imparcial. A filosofia, porém, está sempre carregada de valores. Entre 2000 e 2020 começou a reconhecer-se que a diversidade era importante na filosofia e que a filosofia feminista era verdadeira filosofia. Houve uma viragem social. Passámos a pensar o conhecimento e a ontologia com uma dimensão social. Agora, com a repressão nas universidades e a reacção contra o *woke*, há um recuo. Já não se abrem com a mesma facilidade lugares para ensinar teoria crítica da raça.

**Se os conceitos não são neutros, como avalia a função que desempenham e os interesses que servem?**

Pergunto por que razão possuímos determinado conceito e que objectivo deveria cumprir. Em geral, pretende ajudar-nos a coordenar a vida em condições livres e iguais. Mas pode ser utilizado para privilegiar certos grupos. O propósito manifesto da educação é ensinar, mas o que acontece pode ser muito diferente. Precisamos de olhar para o funcionamento efectivo das instituições e perguntar se cumprem o objectivo que dizem servir. O mesmo se aplica aos conceitos. Se têm um propósito mau, devemos abandoná-los. Se o propósito é bom, mas beneficiam as pessoas erradas, precisamos de os transformar.

**Que conceito usaria para descrever o presente? Fascismo, crise da democracia, ou ainda não encontramos a palavra?**

Não tenho uma resposta. Vejo uma espécie de nostalgia por uma forma fantasiosa de viver em conjunto e um recuo para a absorção e a obsessão consigo próprio. Consigo reconhecer o fenómeno, mas é difícil descrevê-lo. Talvez devêssemos perguntar a Rebecca Solnit. Ela é muito boa com as palavras.

**O que significa ter esperança num presente que descreve com tanto pessimismo?**

Estou com Solnit e, em certa medida, com Gramsci. Precisamos do pessimismo da inteligência e do optimis-

mo da vontade. Sou pessimista perante as alterações climáticas e a ascensão do fascismo. Tenho 71 anos e penso que, durante a minha vida, as coisas vão piorar. Preocupa-me que também piorem durante a vida dos meus filhos. Como vamos responder às migrações causadas pelas alterações climáticas e às guerras? Ao mesmo tempo, o meu activismo assenta na ideia de que a esperança é uma questão da vontade. Significa lançar-me no combate, fazer o que estiver ao meu alcance para inverter a situação e chamar outras pessoas. Ter esperança não significa estar optimista quanto ao êxito. É o que temos de fazer perante condições terríveis. A esperança sempre foi uma virtude da vontade, não da inteligência. Rebecca Solnit escreve sobre isso em *Hope in the Dark*, publicado em 2004. Não podemos prever o que resultará. A esperança é o compromisso de continuar, de nos entregarmos a uma causa e de levar outros a fazer o mesmo.

**Que ideia acerca da sociedade humana ainda hoje tomada por adquirida poderá parecer incompreensível às gerações futuras?**

Espero que considerem incompreensível a ideia de que os seres humanos são por natureza egoístas. A antropologia e os estudos de primatas mostram que não somos. Nunca teríamos sobrevivido enquanto espécie se fôssemos sobretudo egoístas. Quem criaria as crianças? Pense no sacrifício que as mulheres fizeram ao longo da história para as levar até à idade adulta. Os homens também lutam pelas famílias e sacrificam-se por ideias. Não se deve construir uma economia ou um sistema político supondo que os seres humanos são egoístas ou odeiam por natureza quem tem um aspecto diferente. O que significa ter um aspecto diferente? É uma construção, uma forma de marcar corpos e decidir quem é diferente. Existem inúmeras diferenças, algumas contam para a sociedade e outras não. Muitos povos indígenas americanos receberam os colonizadores e quiseram cooperar com eles. Foram os colonizadores que os mataram. As pessoas não estão condenadas a odiar o outro. Elas aprendem a construir e a marcar alguém como outro. É um processo social.

Há duas ideias falsas com raízes profundas: que somos todos egoístas e que o outro nos ameaça por natureza. A história permite-nos mostrar que são falsas. Não sei se conseguiremos abandoná-las; talvez se enrincheirem ainda mais. Mas espero que, num futuro distante, alguém olhe para nós e diga: “Vejam aquelas pessoas tontas a acreditar naquelas coisas.”